

## TERRITÓRIO DAS PERMEABILIDADES: AS NARRATIVAS E A INSTITUIÇÃO DE SUJEITOS EM FÉRREZ, PAULO LINS E AGUALUSA

Prof. Ms. Carlos Alberto de Negreiro<sup>i</sup> (IFRN)  
Doutorando em Literatura e Interculturalidade (UEPB/PPGLI)

### Resumo:

*Se a literatura pode ser vista como a instauradora de mundos e a escritura como forma de ação no mundo – ela constituiria um território das permeabilidades – em que o sujeito é uma hermenêutica de si e do outro. As narrativas contemporâneas como, **Capão Pecado**, de Ferréz (2000), **Cidade de Deus**, de Paulo Lins (1997) e **O ano em que Zumbi tomou o Rio**, de José Eduardo Agualusa (2002), trazem as experiências de vida dos autores, as suas próprias lembranças e afetos de tempos idos de suas existências: “sou eu que conto” – essa figura não tem interesse no “puro em si”, mas sim, “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1993). Esses escritores construíram uma “literatura” que expressa uma “voz marginal”. O universo da “periferia” – é um lugar onde se faz por um princípio: a narrativa – contam-se narrativas do lugar para se contar as narrativas dos sujeitos, aqui denominamos esse processo: escrita-lugar. O narrar é uma forma de nos conhecer, de acessarmos o mundo por meio da experiência de vida. Se o “presente é um momento de perigo” (BENJAMIN, 1995), nós nos confrontamos nele, ele nos transtorna. Referências do mundo dos homens perfazem a organização do “orbe”, do mundo, constituído pelo que é narrado. Esse mundo é uma consequência do ato de narrar (RICOUER, 2010, 1991), cria-se um mundo, esse mundo é justamente o que proporciona o caráter “substantivo”, ou melhor, os processos de subjetivação daqueles que povoam os lugares e se contam na escrita-lugar. A escrita-lugar seria aquilo que cria uma proposição de mundo – transtornado, de mundo modificado, aquilo que é escrito se dá escrita, porém incide sobre o processo de constituição desse sujeito. Assim, o texto é lugar do conflito, pois se existe diante do texto, no movimento que já é o da leitura, o sujeito ao se narrar, lê-se, não existe além-texto ou por-trás do texto, mas diante do texto – este é o confronto (RICOUER, 1988).*

**Palavras-chave:** Narrativas periféricas, escrita-lugar, literatura marginal, identidade, sujeitos.

### 1 Introdução

“Toda história dá uma letra” – “X” (Câmbio Negro).

“Periferia é periferia em qualquer lugar.” – **Racionais MC’s**

“Trechos de vida que catei, trapos de sentimentos que juntei, fragmentos de risos que roubei estão todos aí, histórias diversas do mesmo ambiente, de um mesmo país, um país chamado periferia.” – **Ferréz**

“Pensar não é mais contemplar, mas engajar-se, estar englobado no que se pensa, estar embarcado – acontecimento dramático do ser-no-mundo” – **Emmanuel Lévinas**.

“Para mim, escrever é uma maneira de estar no mundo. Eu preciso de meu espaço, é por isso que eu escrevo. Em primeiro lugar escrevo para existir, eu escrevo para mim. Eu existo no mundo e a minha existência repete-se na outras pessoas.” – **Paulina Chiziane**.

As narrativas contemporâneas *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, de José Eduardo Agualusa (2002), *Capão Pecado*, de Ferréz (2000) e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997) trazem as experiências de vida dos autores, as suas próprias lembranças e afetos de tempos idos de suas existências: “sou eu que conto” – essa figura não tem interesse no “puro em si”, mas sim, “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1993, p. 205).

Esses narradores contemporâneos escolhem a narrativa para contar essas “experiências”. Os romances brasileiros *Cidade de Deus* e *Capão Pecado* tomam como mote o de apresentar um lugar específico da cidade, uma outra voz-lugar – a periferia – aqui denominamos “não-cidade”, dentro do ponto de vista do ideário do “centro”, que seria o discurso oficial e das classes abastadas. Paulo Lins e Ferréz são autores que utilizam o princípio de certo realismo na narrativa, tecendo em seus textos um misto de testemunho, ficção e engajamento. Enquanto que Agualusa, em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, um índice da história de guerras em Angola, general aporta nos morros cariocas para chefiar conflito urbano, uma fábula contemporânea que se aproveita do símbolo-ícone de Zumbi para re-apresentar a temática social a partir da ideia da exclusão dos sujeitos que habitam as favelas e os morros do Rio de Janeiro. Esses escritores construíram uma “literatura” que expressa uma “voz marginal” (CERTEAU, 2008); palavras que dizem uma “prosa do mundo” diferente do “centro”, um mundo peculiar onde se inscreve o que viam e sentiam do universo ao seu redor.

No Brasil, a comunidade “Cidade de Deus” é uma representação microfísica da cidade, uma “não cidade” dentro da cidade, funciona como uma resistência às regras normatizadoras da cidade oficial, onde tudo ocorre fora-de-ordem. Em “Capão pecado”, referência paronomástica de Capão Redondo – região da zona sul, com aproximadamente 300 mil moradores, um renda média de 1,5 salário mínimo, um bairro enorme que reúne diversas outras comunidades, exibia um fama nas décadas de 80/90 como um dos lugares de maior periculosidade e incidência criminosa do país –, a referencialidade (MONDADA; DUBOIS, 2003) exposta nos enredos nos faz situar uma configuração da contemporaneidade, são narrativas de lugares, são as histórias que presentificam esses mesmos lugares. Ambos aludem a um universo em comum, a “periferia” – este lugar onde se constitui por um princípio: o narrar, ou seja, contam-se narrativas desse lugar para se contar as narrativas dos sujeitos para assim se configurarem como tais. Aqui pensamos esse processo como escrita- lugar.

## **2 Território das alteridades**

O narrar é uma forma de nos conhecer, de acessarmos o mundo por meio da experiência de vida (BENJAMIM, 1993; RICOUER, 1991), logo quando falamos, fala-se de uma posição, de um local. O cotidiano impõe uma urgência como os referenciais da concretude e de suas próprias

realidades. Se o “presente é um momento de perigo” (BENJAMIN, 1995), nós nos confrontamos nele, ele nos transtorna. Este perigo se constitui no “elo de ligação” com o passado, que é narrado para se constituir como um registro daquilo, que para entender o “agora”, já “foi”. Esse jogo de tempos, mais precisamente de temporalidades estabelece a posição de quem ao falar possa parecer uma necessidade de impor sua existência, pois só posso existir se me narro.

Referências do mundo dos homens perfazem a organização do “orbe”, do mundo, formado pelo que é narrado. Esse mundo é uma consequência do ato de narrar (RICOEUR, 2010, 1991), cria-se um mundo, esse mundo é justamente o que proporciona o caráter “substantivo”, ou melhor, os processos de subjetivação daqueles que povoam os lugares e se contam na escrita-lugar. A escrita-lugar seria aquilo que cria uma proposição de mundo – transtornado, de mundo modificado, aquilo que é escrito se dá escrita, porém incide sobre o processo de constituição desse sujeito. Assim, o texto é lugar do conflito, pois se existe diante do texto, no movimento que já é o da leitura, o sujeito ao se narrar, lê-se, não existe além-texto ou por-trás do texto, mas diante do texto – este é o confronto (RICOEUR, 1988).

Refletir sobre a obra é um trabalho que se debruça sobre si, “(...) aquele que lê a obra, ao ler se torna, segundo palavras de Proust, leitor de si mesmo” (RICOEUR, 1988, p. 75). Pensar assim o presente na obra é refletir acerca da relação deste presente na escritura, isto é, das relações entre tempo e escritura. Partiremos então, do pressuposto de uma escrita-lugar como forma de configurar a experiência temporal humana projetando-a em um presente da leitura, como se pode notar “... o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.” (RICOEUR, 2010, v.1, p.11). Esta inaugura um campo de significações mediatizador do mundo vivido e do mundo do texto, constituindo um território das subjetividades e das temporalidades implicadas no presente da leitura.

*Capão Pecado* (2000) ficcionaliza, ou melhor, “re-apresenta/reconfigura” (no sentido ricoueriano) e documenta histórias de vida de uma comunidade pobre de um grande centro urbano, perpassada por processos históricos de exclusão social, deixando à margem do “centro” os enfeitados e degenerados, como uns “morlocks” modernos, ou o lumpem social. Ferréz nos apresenta o lugar e as suas dimensões em seu prefácio, que se incorpora a narrativa, como se fosse um concomitante comentário do narrador, nesse aspecto se fundem autor/narrador/sujeito da enunciação. Ora o sujeito é personagem e escopo da narrativa, ora é o próprio lugar que se torna personagem. Um imbricamento entre o sujeito e o espaço, este se tornando lugar pela escrita, ou melhor, uma escrita-lugar dos sujeitos, que se subjetivam justamente pelo ato de narrar-se, esse ato torna-se uma forma de resistência dessas subjetividades dentro do espaço urbano periférico. Com isso avilta-se então a experiência do sujeito pela narrativa. A escrita como exercício pessoal – “escrever é se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2005, vol. V, p.156).

Pensamos para este, que o texto seria um espaço das alteridades, e elas se constituem pelo movimento narrativo-ontológico, processo de subjetivações que apontam como tentativas de resistências a uma ordem de poder excludente e aniquilador de vozes dos sujeitos que se querem fazer existir. Discutir essas noções de subjetividades é uma premência a partir da leitura dessas obras de Ferréz e Paulo Lins, pois elas expressam as vozes de sujeitos que constroem a escritura.

Nesse contexto, problematizemos como as narrativas desses lugares constroem as identidades desses sujeitos? Quem e o que determina a identidade? Esses lugares narrados configuram e

instituem essas identidades? Território de alteridades é aquele constituído das narrativas que assumem um caráter ontológico de subjetivação, pois sem o sujeito como haver o outro? Por que as pessoas só se encontrariam no texto, na escritura se não fosse pelo narrar a sua história. O texto é a configuração do mundo, e o leitor (com sua leitura) reconfigura esse mundo. O próprio personagem ao se narrar, faz a leitura de si.

### 3 As miniaturas do real

José Eduardo Agualusa, Ferréz e Paulo Lins em suas narrativas *O Ano em que o Zumbi tomou o Rio, Capão Pecado e Cidade de Deus* apresentam o conjunto de experiências em que são “miniaturizadas” [essa ideia se converge para a questão das “versões de mundos” que a linguagem instaura como diz Mondada & Dubois (2003)], constituindo não uma cópia ou representação do real, mas esse real numa “escala” menor, para podermos como leitores, lançar nossos olhares desatentos nessa “miniatura” da realidade, ela estará lá no texto, incidindo nossa percepção dessa mesma realidade que foi miniaturizada, o que Barthes (2003, p. 25) denominada de “maquete”.

Especificamente nos três textos há o espaço da periferia, o subúrbio de uma grande cidade como Rio de Janeiro e São Paulo, e uma breve alusão a Luanda. Tais espaços não constituiriam um lugar de alteridades e de uma peculiar subjetividade – mesmo que por ser tão característico de miséria, fica parecendo um “lugar desumano”. Sem cairmos na armadilha do sociologismo da análise da pobreza – há algo que se pode pensar, considerando o contexto de vida dessas personagens, há algo de “sobre-humano”, dentro daqueles considerados subumanos (ORTIZ, 1996).

Em Ferréz, a intenção de ter uma voz em “Capão Pecado” é para se fazer ouvir, o sujeito que se quer fazer existir – como se diz no rap “sujeito-homem”. O espaço é a periferia, onde todos se sentem um grande “ralo”, engolidos pela falta de perspectiva de vida. A proeminência da exclusão social e a determinação quase que “biológica” da distinção e a fixação de “castas” inferiores são aspectos re-apresentados nas narrativas em estudo, provocando a observação de uma realidade que se pode aludir a desde uma crítica social como representação de um mundo em que os personagens estão mergulhados, é mundo do qual fazem parte, como pensar esses lugares como instituidor de identidades, daí a constituição de sujeitos que premem por “existir”.

Na narrativa de Paulo Lins, “Cidade de Deus” é nome de uma cidade dentro de uma cidade, nesse caso foi um conjunto habitacional, se transformando ao longo do tempo em uma grande favela, e hoje uma comunidade de periferia. Outrora essa expressão também é nome de uma obra de Santo Agostinho, em que diz da cidade perfeita, um modelo divino para a celebração da virtude e da fé. O irônico se manifesta na transposição do nome para uma localidade marcada pela violência e pela exclusão social, uma favela, um “lugar de maldades”, mas que se mostra como um “texto” – “individual e coletivo” (DUARTE, 2005, p.164).

Os lugares destacados nas narrativas são marcados pelo erro. No Brasil, a paronomásia título das duas obras cujas comunidades denominam-se de “Capão Redondo” e “Cidade de Deus”. Duas entre tantas outras comunidades periféricas grandes da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. O *Capão Pecado*, o “pecado” faz lembrar que a comunidade é esquecida e excluída, apesar de todo o mal sobrevive, e insiste em viver para contar sua história. Para isso, Ferréz, morador dessa

“quebrada”, escolhe a escrita como uma ferramenta de resistência e luta contra as injustiças sociais que seus coetâneos passam.

Tanto na escritura de Eisner, Ferréz e de Paulo Lins, as narrativas exploradas parecem o retrato de uma crônica aguda de realidade adversa, apresentando aspectos comuns a uma favela, periferia ou comunidade situada nas margens de capitais desenvolvidas. As pessoas ali vivem ou sobrevivem seguindo “códigos” particulares e singulares, a guisa de outro espaço paralelo – a dos formadores de opinião, assalariados, de classe média e suas transições.

Nessa perspectiva o referido projeto se adequa a Linha de Pesquisa: Literatura Comparada e Intermidialidade, por estabelecer esse estudo das relações entre diferentes literaturas e das interações entre variadas culturas (CERTEAU, 2008). Em Ferréz, destacamos que a forma tanto do autor se expressar, já que o ele cria é sua forma de expressão ao mundo, quanto aqueles a quem ele-autor dá vida no texto, simbolizando, por vezes, pessoas que o autor conheceu ou teve contato na realidade. Sua obra não é um documentário, mas uma peça de ficção – uma narrativa (RICOUER, 2010) – em que vida/obra não se extremam, articulam-se a partir de um pacto ficcional que toma o real como um universo paralelo, essas vozes adquirem “vez” na narrativa escrita de Ferréz.

Homi Babha (2003, p. 209), quando apresenta a transformação da “nação de símbolo de modernidade em sintoma de uma etnografia do contemporâneo dentro da cultura moderna”, faz-me pensar a periferia mimetizada por Ferréz em *Capão Pecado* (1997) e a *Cidade de Deus* (2000), de Paulo Lins, como fariam parte desta “nação”. Pensemos a partir dessa aporia, um detalhe que se destaca – a escolha da narrativa, Ferréz a utiliza, assim como Paulo Lins, justamente para “contar” a história dessa comunidade, das periferias pobres de São Paulo e Rio de Janeiro. Agualusa, *O ano que Zumbi tomou o Rio* (2002), se aproveita dessa ambientação entre a relação conflituosa de morro/asfalto e cria uma fabulação em torno do ícone de Zumbi, para expor o conflito subjacente à exclusão social.

Para Bhabha (2003, p. 206), essa mudança de perspectiva somente ocorre por causa do “reconhecimento da interpelação interrompida da nação”. Ou seja, há uma tensão entre “um povo como uma presença histórica a priori, um objeto pedagógico, e construir o povo na *performance* da narrativa, seu “presente” enunciativo, marcado na repetição e pulsação do signo nacional” (p.206). No caso das obras em questão, todas as personagens são pobres, miseráveis, excluídos socialmente, vistos como detritos humanos.

Como então podemos observar a construção das identidades nos lugares e nas culturas marginais (CERTEAU, 2008) as que destacamos. O lugar é a cidade, no entanto, os espaços das subjetividades nas obras citadas são espaços de periferia, espaços à margem, nominados de favela ou subúrbio. As identidades dos sujeitos são constituídas naquilo que aqui denominamos de “território das subjetividades”.

A identidade não pode ser observada em uma forma fixa e simplista, não se refere apenas a uma definição primária de referência ao outro por meio da chamada mesmidade, ou seja, uma relação de iguais. A identidade no sentido de sua relação com a diferença, numa alteridade, na qual me constituo de frente e com o outro, em que eu me sou pelo outro, em sua total peculiaridade (LÉVINAS, 2005, 1993). Conforme Woodward (2009), esta diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades, ou seja, as identidades “são formadas relativamente a outras identidades, isto é, relativamente ao que não é” (WOODWARD, 2009, p.49).

Bhabha (2003) destaca três condições para compreensão do processo de identificação – ao falar do processo de identidade ao refletir a relação do sistema colonial, primeira: existir implica em

uma alteridade, “É sempre em relação ao lugar do Outro...”; segunda: o próprio lugar da identificação é um espaço de cisão, num desejo se quer ocupar o lugar do outro, assim, um uso ambivalente de “diferente” – “ser diferente daqueles que são diferentes faz de você o mesmo”, a distância do eu colonialista e do Outro colonizado, que caracteriza a alteridade colonial; e terceira, a identificação nunca é afirmação de identidade a priori, mas uma “produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem.”, a demanda da identificação é “ser para um Outro”, o retorno daquela imagem de identificação é a marca da fenda no lugar desse Outro (BHABHA, 2003, p.76).

A concepção de Hall (2003; 2009), na qual a questão de identidade é vista como componente de uma profunda e ampla configuração de mudanças, deslocando-se estruturas e processos sociais centrais das chamadas sociedades modernas, põe em cheque a referência que os indivíduos tinham de si e do mundo. Culminando no que ele diz “crise de identidade”, ou seja, essas identidades modernas estão descentradas, deslocadas e fragmentadas, a “descentração” é marca dessa modernidade. A crise é indício de uma mudança estrutural que alavanca o fracionamento das territorialidades culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e, principalmente, da diluição da identidade nacional, e também, por conseguinte, das nacionalidades, que no passado, esses aspectos eram constituídos de bases sólidas.

A perda de um “sentido de si” questiona a identidade pessoal, pondo em ruínas a noção que se tem de indivíduo (HALL, 2003; BAUMAN, 2005). Há um duplo deslocamento: descentração dos indivíduos (no seu mundo social, cultural e de si mesmo). Os processos de mudanças são os que definem a concepção de identidade cultural, e em seguida a noção de sujeito.

Se pensarmos os modelos teóricos de Ricoeur (2010, 2008a, 2008b, 1991), Lévinas (2005, 1993) e Foucault (2004), juntamente com os estudos em torno da teoria cultural de Bhabha (2003), Hall (2003), Eagleton (2005a, 2005b) e Williams (2000), pretendemos assim analisarmos – a constituição de identidades. Para se pensar essa identidade se faz necessário recorrer aos conceitos de “rostro”- “o rosto é significação” (LÉVINAS, 2000), ainda como a noção de “reconhecimento” pensada por Ricoeur (2006) quando diz que “reconhecer”, deve ser encarado num sentido outro “eu reconheço ativamente alguma coisa, pessoas, eu próprio, eu peço para ser reconhecido pelos outros”; Ricoeur ainda menciona a questão da “responsabilidade” do sujeito em seu processo de identidade que no leva até Jonas (2006) quando poderá sobre o “poder da sociedade tecnológica”, tão importante quanto Honneth (2003) quando pensa sobre a “luta por reconhecimento”, no tocante aos conflitos sociais.

## **Conclusões**

Sobre “justificar historicamente”, bem, para essa comunidade não há justificativa histórica da “grande nação” brasileira, esse lúmpen existe apenas para as estatísticas e estudos sociológicos, mas no tocante ao imaginário cultural, advindo de um sistema literário da perspectiva do “centro”, os sujeitos dessa comunidade são “marginais”, daí pensar numa “cultura marginal” (CERTEAU, 2006).

Ora a escrita – traço marcante de uma literatura mundial oficial, como uma pessoa de uma comunidade pobre poderia se adentrar pela seara da criação artístico-literária, se a população dessas comunidades é quase ágrafa e excluída socialmente de bens simbólicos de uma cultura oficial dessa

nação, como encarar essa produção artística e empreitada literária? No caso dessa impertinência provocativa, Ferréz é o mais curioso, pois é ainda é morador militando na comunidade, Paulo Lins nasceu e cresceu em Cidade de Deus, saindo de lá depois de adulto, Agualusa é um escritor migrante angolano, arguto observador da cena brasileira.

Temos aqui uma problematização – o que une as narrativas de Ferréz, Paulo Lins e Agualusa – é a “miniaturização” da periferia e seus sujeitos (ORTIZ, 1996), uma reconfiguração desse universo em que os sujeitos passam a existir pela escrita (RICOUER, 1988, 2010), pela narrativa escrita, pelo lugar-escrita.

Pensemos, então, se a identidade dos sujeitos das culturas marginais é determinada pelo lugar em que se posicionam, se eles se deslocam de lugar, suas identidades seguem esse deslocamento; as narrativas desses lugares constroem as identidades desses sujeitos, pois são essas narrativas que configuram a experiência temporal para incidir na constituição das subjetividades; os territórios das subjetividades são formados a partir da experiência da escritura em que se nota a prevalência da necessidade de narrar sua própria história, eu existo na mesma medida em que me narro.

## Referências Bibliográficas

- 1] AGUALUSA, José Eduardo. **O ano em que Zumbi tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gyphus, 2002.
- 2] BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Texto estabelecido e anotado Claude Coste. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- 3] BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- 4] BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas I. 5.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- 5] BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2.reimpr. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- 6] CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 5.ed. Trad. Enid A. Dobránszky. Campinas[SP]: Papirus, 1995.
- 7] COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 3.ed. São Paulo: FAPESPE: Iluminuras, 2004.
- 8] DUARTE, Eduardo de Assis. Sertão, subúrbio: Guimarães Rosa e Paulo Lins. In: \_\_\_\_\_. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALÉ; EdUFMG, 2005.
- 9] EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castelo Branco. São Paulo: Ed. UNESP, 2005a.
- 10] EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005b.
- 11] FERRÉZ. **Capão pecado**. 2.ed. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- 12] FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. 2.ed. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos; V)
- 13] FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 14] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- 15] HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília; Representações da Unesco no Brasil, 2003.
- 16] HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) [et al.]. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9.ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- 17] HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- 18] JONAS, Hans. **O princípio da responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Trad. Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- 19] JUSTINO, Luciano B. Violência e democracia na literatura maginal: “Terrorismo literário”, prefácio de Ferréz. In: Swarnakar, S.; NÓBREGA, M.M.dos S.(Orgs.). **Cartografias da violência**. João Pessoa: Ideia, 2008. P.79-90.
- 20] JUSTINO, Luciano B. Gênero e marginalidade na literatura contemporânea. In: SILVA, Antônio P. D. da; ALMEIDA, M.de L.L.; ARANHA, S.D.de G. (Orgs.). **Literatura e linguística**: teoria, análise, prática. João Pessoa: EdUFBP, 2007. p.13-28.
- 21] JUSTINO, Luciano B. Alteridade e etnia em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. In: JOACHIN, Sebastien et al. (Org.). **Anais... Cidadania Cultural; Diversidade cultural, linguagens e identidades**. Recife: Elógica, 2006. p.786-796. [Vol.II].
- 22] LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2.ed. Trad. Pergentino Stefano Pivatto et al.(coord.). Petrópolis: 2005.
- 23] LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo de outro homem**. Trad. Pergentino Stefano Pivatto et al.(coord.). Petrópolis: 1993.
- 24] LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras: 1997.
- 25] MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.
- 26] NEGREIRO, Carlos Alberto de. A escrita-lugar como mediação das temporalidades e subjetividades em “Cidade de Deus” e “Capão Pecado”. In: **Anais... XI Congresso Internacional da ABRALIC - “Tessituras, Interações, Convergências”**, 13 a 17 de julho de 2008, FFLCH - Universidade de São Paulo (USP) São Paulo/SP – Brasil.
- 27] NEGREIRO, Carlos Alberto de. A modulação de um orbe: as narrativas da periferia e ação no mundo em Ferréz. In: **Sociopoética – o uno e o diverso**: revista interdisciplinar sociedade cultura literatura, v. 1, n.2, Campina Grande: EDUEPB, julho a dezembro de 2007. p. 163-170.
- 28] ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- 29] ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre mundialização. São Paulo: Olho D’Água, 1996.
- 30] RICOEUR Paul. Indivíduo e identidade pessoal. In: VEYNE, P.; VERNANT J-P; ... [et ali]. **Indivíduo e poder**. Trad. Isabel D. Braga. Lisboa: Edições 70, 1988a.
- 31] RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 3.ed. Org, trad. e apresentação Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988b.
- 32] RICOEUR, Paul. **O percurso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- 33] RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas [SP]: 1991.
- 34] RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – v.1, v.2, v.3. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- 35] WILLIAMS Raymond. **Cultura**. 2.ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.



36] WOODWARD, Karthryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

---

**iAutor(es)**

**Carlos Alberto de NEGREIRO, Prof. Ms.**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) – Prof. Língua Portuguesa e Literatura  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Doutorado em Literatura e Interculturalidade – PPGLI. Email:  
[cal\\_negreiro@yahoo.com.br](mailto:cal_negreiro@yahoo.com.br).